

Marx entre historiadores: as perspectivas dialógicas de Eric Hobsbawm e de François Furet

Priscila Gomes Correa

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

cbcvpgc@hotmail.com

Resumo:

Dois destacados historiadores do século XX, o britânico Eric Hobsbawm e o francês François Furet, apesar de suas posturas ideológicas sabidamente opostas (comunismo/anticomunismo), desenvolveram seus trabalhos em diálogo contínuo com a obra de Karl Marx, considerada por ambos como uma das mais influentes teorias aplicadas à compreensão do mundo. A perspectiva dialógica entre os dois autores, ou seja, a influência mútua de temas e problemas de análise historiográfica, possibilita-nos neste trabalho a identificação do marxismo ora como uma contribuição à teoria da história, ora como uma contribuição à história propriamente dita. Observa-se, então, os possíveis caminhos que o pensamento marxista percorreu na historiografia, visando distinguir algumas vozes da polifonia crítica que envolveu o percurso das ideias marxistas entre os historiadores. Para isso analisamos os debates entre Hobsbawm e Furet em seus livros, artigos e entrevistas, auferindo do conjunto de suas obras as referências e proposições quanto ao estudo do pensamento marxista/*marxiano*.

Palavras-Chave:

Eric Hobsbawm, François Furet, Marxismo

O confronto sistemático das trajetórias de Eric Hobsbawm (1917-2012) e de François Furet (1927-1997) oferece material de estudo para as mais diversas temáticas de história do século XX, são historiadores que exerceram grande influência sobre a historiografia

contemporânea, analisaram e debateram história, política e revolução como questões cruciais para uma efetiva compreensão da complexa relação entre processo histórico e tempo presente. Com percursos marcados pelo posicionamento político, tanto Hobsbawm (comunista britânico que se tornou um dos principais representantes daquela que se conhece como a *historiografia marxista britânica*), quanto Furet (representante francês de um grupo de historiadores liberais e, geralmente, anticomunistas que se dedicaram à realização de uma revisão da historiografia da Revolução Francesa) foram intelectuais que colocaram o problema da relação entre o pensamento histórico e o pensamento político a partir da (re)leitura das obras de Karl Marx, tomando-o como referência para o aperfeiçoamento da historiografia (Correa 2008:16).

Observa-se nas reflexões paralelas de Hobsbawm e de Furet, em seus livros, artigos e entrevistas, perspectivas dialógicas que demonstram os caminhos percorridos pela historiografia contemporânea a partir das questões colocadas pelo pensamento marxista/marxiano. E, tomando como pressuposto a consideração de Perry Anderson de que quaisquer debates sobre o marxismo seria antes de tudo uma história política do seu ambiente externo (Anderson 1984:17), constata-se que a observação sobre a trajetória dos intelectuais do século XX é inseparável do diálogo sobre o marxismo, ou seja, “o contexto político sob o qual se desenvolveram as gerações intelectuais que se seguiram ao próprio Marx foi fundamental para a sua disseminação como teoria social e até como ideologia” (Correa 2008:98).

Assim, como procedimento analítico, faz-se importante a reflexão sobre a relação entre o pensamento histórico e o pensamento político com base no exercício sistemático de comparação e confrontação entre as obras e trajetórias dos historiadores, participantes do debate historiográfico/político, como atores históricos, visto que atuando em uma diversidade de culturas políticas e tradições de pensamento. Embora tais abordagens apresentem oposições sob o contexto

philosophy @LISBON

do pensamento político, revelam-se complementares quanto aos procedimentos historiográficos, com proposições convergentes que observam a necessidade dos estudiosos de Marx, marxistas ou não, aproximarem-se cada vez mais dos textos originais *marxianos* para então entenderem seu posterior impacto político.

Nossos dois atores históricos foram desde cedo atraídos pelo marxismo em função de suas militâncias políticas, “mas além de serem filhos de diferentes gerações cada um reagiu à sua maneira às desilusões com as tentativas frustradas de implantação de sociedades socialistas” (Correa 2008:98). Hobsbawm destacou que cresceu em “uma era engolfada pela política”, logo se vendo orientado para a paixão política. Entre suas leituras de juventude se destacava Karl Kraus, Bertolt Brecht e o Karl Marx do *Manifesto Comunista*, cuja leitura o fez “descobrir que a história era alguma coisa importante” (Hobsbawm 2003:31), e logo em 1936 ingressou definitivamente no Partido Comunista. Em sua autobiografia Hobsbawm lembra que as diretivas do Partido passaram a nortear fortemente suas posições, e seu nascente marxismo correspondia, então, à *Breve História do Partido Comunista da União Soviética* de Stálin. Foi sua participação no grupo de historiadores marxistas britânicos, vinculado ao Partido, entre 1946 e 1956, que consolidou seu marxismo, visto “como uma tentativa de compreender as humanidades” (Hobsbawm 2002:116).

No início da Guerra Fria, Hobsbawm e demais historiadores comunistas não tiveram oportunidade de ocupar cargos em universidades, em função de suas militâncias políticas, mas sua atuação na fundação da revista *Past and Present* proporcionou ampla divulgação dos trabalhos dos historiadores marxistas, “sendo hoje considerada uma publicação tão importante para a historiografia quanto a revista francesa *Annales*” (Correa 2008:52). Contudo, diferentemente da maioria dos intelectuais comunistas da época, Hobsbawm não abandonou o Partido depois de 1956, após as denúncias contra Stálin no XX Congresso do Partido Comunista, pois dizia pertencer a uma geração que colocou suas esperanças na

Revolução de Outubro e que não se tornou comunista unicamente em função do antifascismo (Correa 2008:55). Manteve-se, assim, um adepto convicto do marxismo ao longo de sua trajetória, o que podemos vislumbrar na coletânea de artigos intitulada *Sobre História* (1997), na qual enfatiza a concepção do marxismo como “método para, ao mesmo tempo, interpretar e mudar o mundo”.

François Furet não teve uma postura tão singular quanto Hobsbawm, e assim como muitos de seus contemporâneos não resistiu a crise gerada por eventos como a repressão soviética a insurreição húngara e as denúncias de Nikita Krushev em 1956, abandonando o Partido Comunista Francês após sete anos de filiação, como uma experiência completamente renegada. Posteriormente se mostrou satisfeito por não ter escrito nada neste período, “se eu o tivesse feito, teria escrito um monte de bobagens. Não sei realmente se não escrevi porque era jovem ou porque tinha uma espécie de bloqueio inconsciente” (Furet 1988:145).

O fato é que este engajamento de juventude, embora não tenha sido levado tão longe como por seus companheiros, não foi menos marcante para Furet que tornou sua experiência comunista a meditação de uma vida, com consequências historiográficas mais duráveis e profundas (Prochasson 2013:61). E somente sob este aspecto é que Furet avaliou positivamente sua passagem pelo Partido, pois teria lhe oferecido um lugar no mundo e um objeto de reflexão. Assim como a adesão, o rompimento com o comunismo foi incondicional, e “ao buscar no passado o segredo do presente, Furet tomou um ponto de partida político, da ação e do comprometimento” (Correa 2008:64).

Sua carreira acadêmica se desenvolveu nos anos seguintes, com temas relativos a Revolução Francesa, inserindo-se no debate sobre a *tradição jacobino-marxista* de interpretação da Revolução, mas logo percebendo que aí não era possível encontrar a burguesia como definida por Marx (Montremy 1989 :76). Tal percepção o levou a um longo estudo de revisão do tema, desembocando em sua mais

importante obra historiográfica, intitulada *Pensando a Revolução Francesa*, publicada em 1978, que inaugura o chamado *revisionismo histórico da Revolução Francesa*, e que a partir de então dominaria o mercado editorial sobre o tema, sobretudo por ocasião do seu bicentenário em 1989. Apesar dos desacordos, Furet se manteve como um leitor atento da obra de Marx, na qual buscou os principais instrumentos para realizar a crítica historiográfica aos marxistas. Por isso, em seu livro *A Oficina da História*, de 1982, as referências ao materialismo histórico são quase nulas, somente os comentários de censura que, aliás, podem dizer muito do autor que queria propor uma alternativa coerente para as “metafísicas finalistas da história”.

Percebe-se que as trajetórias intelectuais de Hobsbawm e de Furet, apesar do ponto de origem ideológico similar, seguiram para polos opostos, proporcionando raríssimos encontros diretos entre os dois autores, mas seus temas de investigação convergiram profundamente, com estudos envolvendo da Revolução Francesa à história do século XX, sempre com destaque para o fazer histórico como instrumento de conhecimento e de ação política. Pode-se partir do debate direto entre os dois historiadores, ocorrido apenas em 1996, para compreender o impacto e complementaridade de suas perspectivas historiográficas a partir de suas escolhas e leituras justamente sobre marxismo e comunismo no século XX.

“*Furet vs Hobsbawm*” era o título de um dos artigos do primeiro número do *Newsletter: Committee on Intellectual Correspondence* de 1997-98, um paralelo que resultou dos debates surgidos em dois dossiês da revista *Le Débat: Communisme et Fascisme au XX^e Siècle* (1996) e *Sur l’Histoire du XX^e siècle* (1997), sobre respectivamente *O Passado de uma Ilusão* de François Furet e a *Era dos Extremos* de Eric Hobsbawm. A *Newsletter* expõe os traços de um debate entre as duas perspectivas, Furet surge com sua ênfase na ideia comunista, e Hobsbawm com seu retrato preciso sobre o século XX, ambos “estariam explorando questões decisivas, como as causas do fascismo, a Guerra Civil Espanhola, a União Soviética, a Guerra Fria

e o 1989, mas em desacordo, revelado ao longo dos dois dossiês da *Le Débat*” (Correa 2008:133).

Nos diversos comentários que se seguiram ao debate era notável o reconhecimento da seriedade de ambos os autores no trato de seus objetos de estudo, valendo-se de procedimentos similares de análise. Fato que revelava, aos olhos de seus comentadores, que o debate se dava sob um traço político e ideológico, ainda que superficial, mas que em última análise compunha as principais divergências entre os trabalhos dos dois historiadores, uma vez que remetia às “cores conceituais” que cada autor adotou para investigar “uma paisagem comum”. É sob este aspecto que a observação de suas posturas diante da tradição marxista se faz crucial, pois para além de um traço ideológico, suas divergências residiam mais precisamente no método historiográfico. Por um lado, estava Hobsbawm atento a uma epistemologia capaz de abordar o marxismo como uma contribuição à teoria da história, observando o processo histórico através das lentes do materialismo histórico. Por outro lado, Furet apresentava sua abordagem sobre um suporte específico de interpretação do discurso, quando Marx e marxismo despontavam como uma contribuição à história propriamente dita.

Hobsbawm: o marxismo como contribuição à teoria da história

Marx aparece na obra de Hobsbawm como referência para se superar os equívocos cometidos por muitos de seus sucessores, os marxistas. Ao longo de seus livros e artigos, o historiador busca demonstrar o quanto o trabalho de Marx é cada vez mais fundamental para a análise histórica. Em uma de suas últimas publicações, intitulada *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo* (2011), realiza uma compilação de suas principais reflexões sobre o assunto, partindo do pressuposto de que “se houve um pensador que deixou uma marca forte e indelével no século XX, foi ele”, Marx! (Hobsbawm 2011:14). Fato que justifica seu interesse pelo autor

philosophy @LISBON

para além do método, do materialismo histórico, que também lhe parecia o mais apropriado para se analisar o processo histórico.

Enfim, o marxismo que Hobsbawm pleiteia está diretamente ligado à sua constante contextualização, a historicidade que permite compreender as ações concretas, que embora decorrentes da análise marxista, estavam frequentemente imbuídas dos desejos e necessidades de seus analistas. A partir disso, o historiador forneceu importantes estudos sobre essas relações ao dirigir a obra *História do Marxismo* (1978-82), agregando análises dos principais estudiosos do tema. No artigo *Os intelectuais e o antifascismo*, investigou precisamente a expansão do marxismo entre os intelectuais a partir dos anos trinta, interesse despertado pela crise do capitalismo e seu contraste com a industrialização planificada socialista. O antifascismo foi uma das molas propulsoras da conversão ao marxismo de parte da intelectualidade, mas também as viradas políticas que se seguiram levaram ao rompimento e negação do marxismo, associando-o ao destino da União Soviética. Um exemplo dessa instabilidade seria a reação de alguns intelectuais franceses, “ainda no fim dos anos 40 havia professores que recusavam a se reconhecer como marxistas, declarando ter entrado no Partido Comunista por sua atuação no período do antifascismo e da Resistência”. De maneira que, “na experiência do antifascismo, de resto, é difícil distinguir nitidamente entre o impacto de Hitler e o da URSS” (Hobsbawm 1987a:280-282).

As idas e vindas do marxismo estavam, portanto, diretamente ligadas aos destinos políticos da humanidade, sendo notável que Hobsbawm, antes de ser um estudioso dos textos de Marx, era um marxista que tentava enfrentar os reveses ideológicos se aproximando cada vez mais dos textos marxianos, ou seja, sem a intermediação dos demais marxistas. Sua primeira iniciativa sistematizada para analisar a obra de Marx ocorreu em 1964, quando redigiu uma *Introdução* ao fragmento *Formações econômicas pré-capitalistas (FORMEN)*, onde “já começava a esboçar suas preferências no interior da obra de Marx, lembrando que um cuidadoso estudo de sua obra não implicaria

a aceitação automática de suas conclusões” (Correa 2008:100).

Trata-se de um Marx maduro em seu enfrentamento do problema da evolução histórica, produzindo um texto fundamental e complementar ao *Prefácio da Crítica da Economia Política*, que segundo Hobsbawm “apresenta o materialismo histórico em sua forma mais rica” (Marx 1991:14). Nas *FORMEN* seria possível identificar a questão do mecanismo geral de *todas* as transformações sociais, isto é, “as épocas de revolução social, em que as relações de produção se ajustam novamente ao nível das forças produtivas”. Trata-se, portanto, da base do método materialista de Marx e, explica Hobsbawm, “ainda que tivesse havido equívoco em suas observações, ou se estas fossem baseadas em informações parciais e por tanto enganadoras, a teoria geral do materialismo histórico não teria sido afetada (Marx 1991:15-23).

Em outro texto, *Notas sobre Consciência de Classe* (1971), Hobsbawm coloca um pressuposto mínimo para desenvolver um efetivo debate sobre o marxismo, quando diz que “estamos todos de acordo quanto a uma proposição básica: que as classes sociais, o conflito de classes e a consciência de classe existem e desempenham um papel na história” (Hobsbawm 1987b:35), ainda que persistam certas ambiguidades nos textos marxianos, mas que podem ser superadas com a leitura de suas obras sobre história contemporânea, como por exemplo *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. Essa abordagem aponta, portanto, para uma combinação do Marx teórico com o das obras históricas, como também já tinha sido proposto por Gramsci, do qual Hobsbawm era um leitor atento, tomando-o como exemplo de um revolucionário marxista que soube combinar compreensão histórica e análise política contemporânea (Correa 2008:102).

Apesar de examinar temas importantes do marxismo em suas fontes originais, o interesse do historiador estava voltado prioritariamente para o aperfeiçoamento do materialismo histórico como método para a interpretação da história. Por isso, em *Sobre História*, repete exaustivamente que a pedra angular de sua concepção de história reside no marxismo: “acontece que continuo
philosophy @LISBON

considerando [...] que a ‘concepção materialista da história’ de Marx é, de longe, o melhor guia para a história” (Hobsbawm 1998:9). Em resumo, para Hobsbawm, o marxismo aparece como uma abordagem muito melhor da história porque está mais visivelmente atento do que as outras abordagens àquilo que os seres humanos podem fazer enquanto sujeitos e produtores da história, bem como àquilo que, enquanto objetos, não podem. E, por falar nisso, é a melhor abordagem porque, como virtual inventor da sociologia do conhecimento, Marx elaborou também uma teoria sobre como as idéias dos próprios historiadores tendem a ser afetadas pelo seu ser social (Hobsbawm 1998:77).

Dessa maneira, aos olhos de Hobsbawm, não seria possível uma reflexão sobre história sem referência a Marx, “ou, mais precisamente, que não parta de onde ele partiu. E isso significa, basicamente – como admite Gellner – uma concepção materialista da história” (Hobsbawm 1998:43). Como o próprio autor demonstra nos livros *Sobre História* (1997), no qual dedica três artigos diretamente ao marxismo: *O que os historiadores devem a Karl Marx* (1968), *Marx e a história* (1983), e *Introdução ao Manifesto Comunista* (1998); e *Como mudar o mundo: Marx e marxismo* (2011), ambos coletâneas de artigos redigidos ao longo de sua trajetória intelectual. Seu objetivo primordial era discernir a contribuição do marxismo para a história a partir do inventário da influência do que poderia ser chamado de *marxismo vulgar*, para destacar daí o verdadeiro componente marxista na análise histórica.

Isso porque, segundo Hobsbawm, “o grosso do que consideramos como a influência marxista sobre a historiografia certamente foi marxista vulgar” (Hobsbawm 1998:161). Perspectiva que estaria abordando mecanicamente as questões relativas ao impacto econômico, ao modelo base-superestrutura e à luta de classes, problemas decorrentes da falta de discernimento entre as diferentes proposições marxianas sobre história e sociedade em geral. Contudo, este equívoco teria sua nascente nas previsões do próprio Marx, que dariam margem às expectativas frustradas, na medida em que seus leitores não tomaram cuidado em distinguir entre suas

previsões baseadas em análise e as previsões baseadas em desejo: na realidade, o que Karl Marx asseverava não era que o capitalismo havia alcançado o limite de sua capacidade de pôr em marcha as forças de produção, e sim que a irregularidade do crescimento capitalista produzia crises periódicas de superprodução que, mais cedo ou mais tarde, se mostrariam incompatíveis com a maneira capitalista de gerir a economia e geraria conflitos sociais aos quais ele não poderia sobreviver (Hobsbawm 2011:17).

A assertiva de que o socialismo era superior ao capitalismo como meio de garantir o rápido desenvolvimento das forças de produção não era de Marx, e sim de uma era posterior em que o capitalismo em crise do entreguerras se deparava com a União Soviética dos planos quinquenais, assim gerando expectativas em muitos dos discípulos de Marx. Portanto, conclui Hobsbawm, “acredito que Marx discerniu algumas tendências básicas com profunda perspicácia, mas não sabemos efetivamente o que elas trarão” (Hobsbawm 1998:53-66). Era notável, entretanto, que a concepção materialista da história teria encontrado sua formulação quase definitiva desde meados da década de 1840, o que permitiria observá-la também no *Manifesto Comunista*; nesse sentido, esse “já era um documento definidor do marxismo. Ele corporificava a visão histórica, embora seu contorno geral precisasse ser preenchido mediante análise mais completa” (Hobsbawm 1998:300).

É possível perceber que as divergências em torno da eficácia do materialismo histórico como instrumento de análise motivaram, em grande parte, as reflexões de Hobsbawm sobre o tema. O historiador em nenhum momento abandonou a trincheira de defesa desse método como sendo o mais apropriado para o aperfeiçoamento do conhecimento histórico. Nessa medida, seus textos são dedicados à reavaliação das críticas que atribuem ao marxismo a tendência ao reducionismo econômico e até mesmo ao determinismo histórico: “minha própria opinião é de que em seus escritos efetivamente históricos ele é o oposto exato de um reducionista econômico” (Hobsbawm 1998:176). E ainda a respeito do *Manifesto Comunista*,

aponta para um equívoco lógico, pois “o Manifesto acredita que a mudança histórica é processada por homens que fazem sua própria história, ele não é um documento determinista. Os sepulcros precisam ser cavados direta ou indiretamente pela ação humana” (Hobsbawm 1998:307).

Com efeito, o método marxista exige uma provisória separação de componentes, que se justifica por se tratar de um método científico, como afirmou Hobsbawm ao lembrar que depois das desilusões com o comunismo, percebeu-se que não se tratava de “um corpo de teorias e descobertas acabadas, mas um processo de desenvolvimento”. Enfim,

devemos aprender novamente a usar o marxismo como um método científico. E não temos feito. Temos feito, reiteradamente, duas coisas que são incompatíveis com qualquer método científico - e as temos feito não apenas desde fins do período stalinista, mas desde mais cedo. Primeiro, sabíamos as respostas e apenas as confirmávamos através da pesquisa; segundo, confundíamos a teoria e o debate político. Ambas as coisas são fatais (Hobsbawm 1982:119-124).

Apesar disso, Hobsbawm ainda se manteve como um adepto não só do materialismo histórico, mas também das esperanças do marxismo, quando sua defesa aparece, por essência, como a defesa da própria história: “gostaria de prenciar um tempo em que ninguém pergunte se os autores são marxistas ou não, porque os marxistas poderiam então estar satisfeitos com a transformação da história obtida com as idéias de Marx” (Hobsbawm 1998:184).

Furet: o marxismo como uma contribuição à história

François Furet foi bem menos indulgente com os possíveis equívocos que acompanharam a história do marxismo, ou melhor, do dogmatismo marxista que, de tão nocivo à historiografia, deveria ser progressivamente abandonado. Em *A Oficina da História* (1982), ele aventou as possibilidades positivas decorrentes do efetivo abandono progressivo do marxismo, o que não acontecia sob o ilusório processo

de transferência de hegemonia do marxismo para o estruturalismo, visto que “aquilo a que se chama, a falta de melhor termo, a ‘moda’ parisiense do estruturalismo, isto é, o seu sucesso e o seu momento, explicar-se-ia assim pela suas relações profundas, ao mesmo tempo contraditórias e homogêneas, com o marxismo” (Furet 1989b:56).

Em outros termos, a crise do pensamento marxista levou o mesmo para um novo terreno, não para o da crítica liberal e empirista, mas para o campo do pensamento hiperintelectualista e sistemático que tendia para uma teoria geral do homem. Trata-se da ambição de inteligibilidade global e sistemática que, aos olhos de Furet, deveria ter sido afetada pelas desilusões políticas do progressismo, mas em vez de se voltarem para Raymond Aron, os intelectuais de esquerda aderiram ao reino de Lévi-Strauss (Correa 2008:105).

Furet se mostrava bastante cético em relação à pretensão de uma abordagem global da história, recusando precisamente aquilo que Hobsbawm buscava, a saber, uma teoria analítica geral como a do materialismo histórico. O incomodo de Furet estava ligado ao fato de que mesmo após a vasta debandada de intelectuais do comunismo em meados do século XX, o marxismo continuava no âmago do debate dos intelectuais franceses, mas “menos como saber do que como valor, menos como instrumento intelectual do que como herança política” (Furet 1989b:52). Em sua concepção, o marxismo seria inseparável de um voluntarismo político que estaria na base de toda e qualquer desilusão, sendo fundamental sua superação. Essa situação mudou anos depois, com a vitória do liberalismo entre boa parte dos intelectuais franceses, permitindo a Furet afirmar satisfeito que “acabou. Não sei o que está acontecendo em outros lugares, mas na França o que se vê é o fim da cultura jacobina. É o fim da cultura marxista. É a descoberta do aleatório na história” (Furet 1988:156).

No entanto, Furet não pode prescindir da leitura de Marx e, assim como Hobsbawm (que discerniu entre o marxismo e o “marxismo vulgar”), buscou um contraponto para justificar suas leituras e escolhas inseparáveis dos destinos da obra de Marx, propôs então a distinção entre marxista e marxiano, sendo este apenas um estudioso atento

da obra de Marx, como ele próprio que se especializou no estudo dos textos do “jovem Marx”. Assim, mesmo após seu rompimento com o comunismo/marxismo, Furet jamais rompeu efetivamente a sua interlocução com Marx, um exemplo é o paralelo, proposto em *A Oficina da História*, entre Marx e Tocqueville.

Para Furet, o autor de *A Democracia na América*, Alexis de Tocqueville, teria se instalado diretamente no cerne do social, sem antes passar pelo econômico, logo evitando uma lacuna entre o mundo material e o mundo das ideias como acontecia na leitura marxista. Tocqueville não precisava reduzir o domínio político a uma outra ordem de realidades que o fundariam e determinariam, como teria feito Marx ao se interessar pelos mecanismos econômicos em relação com o social. Tocqueville apresentaria, então, um método menos passível de interpretações ambíguas, sendo evidente sua superioridade em relação ao método marxista, até mesmo no domínio da veracidade prospectiva “não seria difícil mostrar que o prognóstico do aristocrata francês sobre o mundo contemporâneo [...] está infinitamente mais próximo das realidades que vivemos hoje do que o do socialista alemão”. (Furet 1998:XLVIII). Eis a trincheira escolhida pelo historiador, definindo a concepção de história que adotaria a partir da década de oitenta e que seria também reconhecida como “vitoriosa” ou predominante.

No entanto, outra declaração de Furet poderia redimensionar essa posição, quando diz: “os dois autores mais importantes para mim, de longe, são Marx e Tocqueville [...] Hoje em dia, sou muito *tocquevilliano*. Penso que foi ele quem viu com mais profundidade as sociedades em que vivemos” (Furet 1988:157). De fato, como analisamos em estudo anterior, Marx está muito presente em seu trabalho, e foi o estudo do fenômeno revolucionário que exigiu a sua recuperação (Correa 2008:108). Em sua revisão da *historiografia clássica ou jacobino-marxista* da Revolução Francesa, Furet adotou como fundamento uma famosa frase do livro *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels:

enquanto que na vida comum qualquer *shop-keeper* (mascate) sabe perfeitamente distinguir entre o que alguém diz ser e o que realmente é, nossa historiografia não alcançou ainda este conhecimento trivial. Toma cada época por sua palavra e acredita no que ela diz e imagina a respeito de si mesma (Engels, Marx 1977:77).

Esta seria a primeira ilusão que daria origem a uma série de absurdos intelectuais que dominaria a *historiografia clássica*, sob a qual os historiadores permaneciam fieis à consciência vivida dos atores da Revolução (Furet 1989a:17). Era, portanto, a afirmação de “uma identidade essencial que, para Furet, precisava ser superada ao se adotar a via do explícito, já trilhada por outros ramos da historiografia” (Correa 2008:108).

Furet se referia ao processo de renovação pelo qual passava a historiografia contemporânea sob a influência da *Escola dos Annales*, à qual pertenceu em seus primeiros anos na academia, mas logo se afastou ao decidir pelo estudo do fato político como dado crucial para a reflexão historiográfica. Dessa experiência agregou o hábito (também pleiteado por Hobsbawm) de tornar explícitos os pressupostos teóricos e metodológicos do trabalho do historiador. Nessa medida, a referência à Marx estava irrevogavelmente instalada na base de sua reflexão e crítica da historiografia revolucionária, cujos artífices eram geralmente alinhados à interpretação jacobino-marxista. No polêmico artigo *O catecismo revolucionário*, publicado em 1971, Furet já destacava que

a redação deste artigo levou-me a reler Marx e Engels; os textos que eles consagram à Revolução Francesa são apaixonantes, mas quase sempre alusivos, por vezes difíceis de conciliar; mereceriam um inventário e uma análise sistemáticos, que espero poder um dia publicar, com a ajuda de meu amigo Kostas Papaioannou (Furet 1989a:220).

Não demorou muito para Furet, ao lado de Lucien Calvié, realizar essa compilação dos textos de Marx sobre a Revolução, publicando-a em 1986. Trata-se da retomada de suas interpretações iniciais sobre o tema, mas agora com a fundamentação dos excertos

originais de Marx. “*Marx e a Revolução Francesa* revela-se, então, como uma das investigações mais profundas realizada por Furet a respeito, não do marxismo, mas da obra de Marx” (Correa 2008:108). Compõe-se de três capítulos: *O jovem Marx e a Revolução Francesa (1842-1845)*; *O Marx de 1848 em face de 1789*; e *Marx e o Enigma Francês (1851-1871)*.

Percebe-se neste trabalho que, apesar da grande influência exercida por Marx sobre a historiografia revolucionária, ele não produziu muitos textos sobre essa temática, apenas algumas notas. O que levou Furet a concluir que “esta defasagem entre o livro não escrito e as notas redigidas no seu lugar, que permearam toda a sua obra, servirá como meu ponto de partida: ela permite resgatar o pensamento de Marx de sua posteridade e recuperar sua dinâmica e seus problemas” (Furet 1989c:7). Após este estudo, Furet identificou no jovem Marx, de *A Sagrada Família*, a interpretação que lhe seria mais valiosa, quando o autor desenvolveu a ideia de *ilusão política*. Essa ilusão (que Furet irá associar ao jacobinismo, marxismo e comunismo) se refere ao âmbito político quando

julga que pode transformar a situação da sociedade civil, quando não passa, ao contrário, de sua expressão mistificadora, julga-se com poder de reformar a desigualdade e a pobreza, pois acredita, por definição, na sua onipotência, quando na verdade a ‘natureza anti-social’ da sociedade civil constitui exatamente sua condição de existência (Furet 1989c:21).

A interpretação *furetiana* da ilusão (da) política vai ganhar corpo em *O passado de uma Ilusão* (1995), livro no qual realizou um verdadeiro acerto de contas com seu passado comunista ao analisar a trajetória da chamada *ideia comunista* ao longo do século XX. Aliás, é notável o processo seletivo ao qual Furet submeteu a obra de Marx. Demonstra-se um leitor atento, porém seletivo, não disfarçando sua repulsa pelo Marx de *A Ideologia Alemã*, visto que teria modificado “profundamente a interpretação da Revolução Francesa que aparece nos primeiros trabalhos”, anteriores à essa virada. Dessa maneira, no vasto território da obra marxiana, Furet finca sua bandeira no jovem

Marx, enquanto Hobsbawm demonstra sua preferência pelo Marx maduro, quando sua teoria da história ganha contornos mais precisos.

Os equívocos marxistas estão, portanto, localizados em lugares distintos para cada historiador. Para Furet, o equívoco está justamente na possibilidade de uma teoria da história, quando destaca que se *A Questão Judaica* e *A Sagrada Família* já consideravam a Revolução como a vitória da sociedade burguesa sobre a sociedade feudal, ainda não condicionavam seu percurso a esse advento ou resultado (Furet 1989c:61). A utilização mecânica do marxismo como teoria da história teria começado com o próprio Marx, em função da negação da autonomia da história política:

se todo o progresso revolucionário e a riqueza de suas manifestações sucessivas devem ser reduzidos sistematicamente ao seu denominador comum, a burguesia e sua dominação, será impossível pensá-los de uma forma autônoma, como o conceito do 'político', projeção ilusória do social, permitiria ao Marx de *A Sagrada Família*" (Furet 1989c:49).

Como já observado em outro estudo, que serviu de base para este artigo (*História, Política e Revolução em Eric Hobsbawm e François Furet*) cabe aqui reproduzir que para François Furet esse “amontoado de contradições e extravagâncias indica apenas os limites da metodologia adotada por este grande pensador”. Marx teria utilizado a história “mais como um repertório de ilustrações de sua teoria do que como um instrumento de pesquisa com exigências intelectuais específicas” (1989c:65). E mesmo suas obras históricas (*O 18 Brumário, A luta de classes em França, ou A guerra civil francesa*) não atenuariam esse problema, como supôs Hobsbawm, visto que só eventualmente abandonou a obsessão pelo social para avaliar o peso específico das tradições e das representações nas lutas pelo poder, mas logo recaindo numa interpretação baseada nos interesses de classes (Furet 1989b:90-91).

Para Hobsbawm, pelo contrário, essa mutação de significado da idéia de revolução no interior da obra de Marx revelava não só que o filósofo se mostrava às vezes dominado pela experiência

real da Revolução Francesa, como também que sua teoria estava em processo de constante evolução, como o atual marxismo (in Chavance 1985:557). As contradições em Marx decorrem, segundo Furet, do fato dele manter, ao longo de sua obra, uma teoria da Revolução concebida como manifestação da “ilusão política”, com a possibilidade de elaborar a história da Revolução a partir das metamorfoses sucessivas desta ilusão. Logo, o que se vê em suas páginas sobre a Revolução Francesa seria uma “hesitação periódica”, uma “espécie de remorso que manifesta pelas simplificações a que é arrastado pelo seu pendor” (Furet 1989c:112-116).

Enfim, duas frases podem sintetizar essa posição de Furet a respeito de Marx: 1º - “a simplificação do passado é o preço pago pela pretensão de conhecer o futuro”; 2º - “de sorte que, junto com o marxismo, ele também legou aos seus comentaristas os elementos de uma crítica do marxismo” (Furet 1989c:75, 117). Por outro lado, quanto à historiografia marxista do século XX, Furet percebeu, assim como Hobsbawm, que se tratava de uma historiografia leninista mais do que marxista, pois, entre outras coisas, o historiador leninista “compartilha com os jacobinos e os bolcheviques a convicção de que a ação revolucionária pode e deve mudar a sociedade; justamente a mesma convicção que Marx considerara como a ilusão característica do político” (Furet 1989c:131).

É perceptível que a polêmica em torno do marxismo não se dissipou com o seu redimensionamento a partir da leitura direta das obras de Karl Marx, procedimento cada vez mais comum entre historiadores, mas que também possibilitou diferentes perspectivas de abordagem. Por isso, “é importante lembrar que, mesmo o marxismo compondo a base das concepções de história tanto de Hobsbawm quanto de Furet, as divergências reveladas por esse paralelo não permitem uma simplificação que transcenda o fato concreto de que cada um dos historiadores apresenta sua abordagem sobre um suporte específico de interpretação do discurso” (Correa 2008:111).

Observando essas duas trajetórias intelectuais foi possível

identificar duas diferentes e igualmente válidas possibilidades de abordagem do marxismo, as quais, devido ao lugar social ocupado por esses dois historiadores, são de grande repercussão. Por um lado, aquela que prefere utilizar a metodologia sugerida; por outro, aquela que se concentra no comentário dos textos de Marx. Ou se valoriza a sua contribuição à uma teoria da história, ou se avalia a sua contribuição à história. Hobsbawm considerava que a versão mais frutífera da história marxista é a primeira, ou seja, aquela que “prefere utilizar seus métodos em lugar de comentar seus textos – exceto onde esses claramente mereçam ser comentados” (Hobsbawm 1998:183). Furet considerava essa visão equivocada, pois desde os anos 1960, nas ciências sociais, teria “feito crer que não havia necessidade de ler os grandes clássicos para compreender o mundo em que vivemos, que era preciso apenas fazer uma abordagem científica daquilo que estava ali ao lado, escondido” (Furet 1988:156).

Referências bibliográficas

- Anderson, P. (1984). *A crise da crise do marxismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Correa, P.G. (2008). *História, Política e Revolução em Eric Hobsbawm e François Furet*. São Paulo: Anablume; Fapesp.
- Chavance, B. (1985). *Marx en Perspective*. Paris, Éditions de L'École des Hautes Études em Sciences Sociales.
- Engels, F., Marx, K. (1997). *A ideologia alemã*. São Paulo, Grijalbo.
- Furet, F. (1988). *O Historiador e a História*. In. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 1. p.143-161
- Furet, F. (1989a). *A Oficina da História*. Lisboa, Gradiva.
- Furet, F. (1989b). *Pensando a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Furet, F. (1989c). *Marx e a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Furet, F. (1998). In Tocqueville, A. *A Democracia na América*, São Paulo: Martins Fontes.
- Hobsbawm E. (1982). *Revolucionários: Ensaios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hobsbawm E. (1987a). (org.) *A História do Marxismo*. Vários Vols. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hobsbawm E. (1987b). *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hobsbawm E. (1998). *Sobre História*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Hobsbawm E. (2002). *Tempos Interessantes: Uma Vida no Século XX*. (2002) São Paulo : Companhia das Letras.
- Hobsbawm E.- Spire (2003) *A L'Optimisme de la Volonté : d'un Siècle à l'Autre*. Paris : Le Bord De L'eau Editions.
- Hobsbawm E. (2011). *Como mudar o mundo: Marx e marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Marx, K. (1991). *Formações Econômicas Pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Montremy, J.M. (1989). La Révolution Couronne François Furet, *L'Histoire*. N° 120, mars.
- Prochasson, C. (2013). *François Furet : Les chemins de la mélancolie*, Paris : Stock.